

Josef Stálin

Sobre Organização

1925



Josef Stálin

Sobre Organização

Sobre Problemas de Direção em Matéria de Organização

Extractos do Informe de Stálin ao XVII Congresso do Partido Comunista da União Soviética, 1934

Há quem pense que é suficiente estabelecer uma linha do Partido justa, proclamá-la altivamente, expô-la sob a forma de teses e resoluções gerais e aprová-la por unanimidade, para que a vitória venha por si própria; por assim dizer espontaneamente. Isto é falso, evidentemente. É um grande erro. Só burocratas e amigos da papelada incorrigíveis podem pensar assim. Na realidade estes êxitos e vitórias não vieram espontaneamente, mas sim como resultado de uma luta cerrada pela aplicação da linha do Partido. A vitória nunca vem por si própria; normalmente tem de ser conquistada. Boas resoluções e declarações em favor da linha geral do Partido são apenas um começo: significam somente o desejo da vitória e não a própria vitória. Depois que uma linha justa foi estabelecida, depois que uma justa solução do problema foi encontrada, o êxito depende do trabalho de organização, da organização da luta pela aplicação prática da linha do Partido, da escolha judiciosa dos homens, do controle da execução das decisões dos organismos dirigentes. Sem isto a linha justa do Partido e as justas decisões correm o perigo de ficarem seriamente comprometidas. Mais ainda, depois que a política justa foi estabelecida, o trabalho de organização decide de tudo, incluindo o destino da própria linha política, o seu êxito, ou a sua falência.

Na realidade a vitória foi alcançada e conquistada por uma luta dura e sistemática contra toda a espécie de dificuldades que se opunham à aplicação da linha do Partido, vencendo estas dificuldades, mobilizando para este efeito o Partido e a classe operária, organizando a luta, destituindo os militantes inaptos e escolhendo outros melhores, capazes de conduzirem esta luta contra as dificuldades.

Quais são estas dificuldades e onde residem?

São as: dificuldades do nosso trabalho de organização, as dificuldades da nossa direção em matéria de organização. Residem em nós próprios, nos nossos militantes dirigentes, nas nossas organizações, no aparelho das

nossas organizações do Partido, dos Sovietes, das organizações econômicas, sindicais, das Juventudes Comunistas e outras organizações...

A burocracia e a papelada no aparelho administrativo; o paleio acerca da direção em geral em lugar duma direção viva e concreta; a estrutura funcional das organizações (isto é, a separação entre, os diferentes serviços duma mesma direção) e a ausência de responsabilidade pessoal; a falta de responsabilidade no trabalho e o nivelamento do sistema de salários; a ausência de um controle sistemático de execução das decisões tomadas, o receio da auto-crítica; tais são as origens das nossas dificuldades, eis onde as nossas dificuldades residem hoje.

Seria ingenuidade pensar que estas dificuldades podem ser vencidas por meio de resoluções e decisões. Os burocratas e amigos da papelada tornaram-se desde há muito peritos na arte de demonstrar por palavras a sua fidelidade às decisões do Partido e do governo, ao mesmo tempo que na prática deixam estas decisões esquecidas na gaveta. Para vencer estas dificuldades foi necessário liquidar o atraso do nosso trabalho de organização em relação às exigências da linha política do Partido; foi necessário elevar em todos os domínios da economia política, o nível da direção em matéria de organização até ao nível da direção política; foi necessário providenciar para que o nosso trabalho de organização garantisse a realização prática das palavras de ordem políticas e decisões do Partido.

Para vencer estas dificuldades e obter êxitos foi necessário organizar a luta; foi necessário atrair a esta luta as massas operárias e camponesas; foi necessário mobilizar o próprio Partido; foi necessário expurgar o Partido e as organizações econômicas dos elementos duvidosos, instáveis e degenerados.

O que foi necessário para isto?

Foi necessário:

1. Desenvolver a auto-crítica e denunciar os erros do nosso trabalho;
2. Mobilizar para a luta contra as dificuldades as organizações do Partido, dos Sovietes, as organizações econômicas, sindicais e das Juventudes Comunistas;
3. Mobilizar as massas operárias e camponesas para lutarem pela aplicação das palavras de ordem e decisões do Partido e do Governo;

4. Desenvolver a emulação e o trabalho de choque entre os trabalhadores;

5. Estabelecer uma larga rede de secções políticas nas Estações de Máquinas e Tratores e nas fazendas do Estado (*sovkhos*), e aproximar rias aldeias a direção do Partido e dos Sovietes;

6. Descentralizar os Comissariados do povo, as grandes administrações e. combinados, aproximar a direção econômica das empresas;

7. Suprimir a falta de responsabilidade no trabalho e liquidar o nivelamento dos salários;

8. Suprimir o sistema funcional, reforçar a responsabilidade pessoal e orientarmos-nos para a supressão das comissões de gerência!

9. Reforçar o controle da execução e proceder, com este fim à reorganização da Comissão Central de Controle e da Inspeção operária e camponesa;

10. Aproximar da produção os técnicos qualificados atualmente, ocupados nos escritórios;

11. Desmascarar os burocratas e amigos da papelada incorrigíveis e expulsá-los do aparelho administrativo;

12. Afastar dos seus postos os que violam as decisões do Partido e do governo e também os charlatães e fala-baratos, e substituí-los por homens novos, homens de ação, capazes de dirigirem concretamente o trabalho que lhes é confiado e de fortalecerem a disciplina no Partido e as administrações soviéticas;

13. Depurar as organizações econômicas e soviéticas e reduzir-lhes o pessoal;

14. Finalmente, eliminar do Partido os elementos duvidosos e degenerados.

Estas são, no essencial, as medidas que o Partido teve que adotar para vencer as dificuldades, elevar o nível do nosso trabalho de organização até ao nível da direção política, e desta maneira assegurar a aplicação da linha do Partido.

Sabeis que foi exatamente neste sentido que o Comité Central do Partido levou a cabo o seu trabalho de organização durante o período decorrido.

Nisto o Comité Central foi guiado pelo genial pensamento de Lênin de que o mais importante no trabalho de organização é a escolha dos homens e o controle da execução.

A respeito da escolha dos homens e da destituição daqueles que não se mostram à altura das suas tarefas, gostaria de dizer duas palavras.

Pondo de parte os burocratas e amigos da papelada incorrigíveis, acerca de cujo afastamento estamos todos de acordo, há dois outros tipos de militantes que retardam, que prejudicam o nosso trabalho e nos impedem de avançar.

O primeiro tipo destes militantes é representado pelas pessoas que prestaram certos serviços no passado e que agora dão-se ares de grandes senhores, pessoas que consideram que as leis do Partido e do Estado Soviético não se fizeram para eles, mas para os imbecis. Estas pessoas não consideram como seu dever cumprir as decisões do Partido e do governo e assim destroem os fundamentos da disciplina do Partido e do Estado soviético. Com que contam eles quando violam as leis do Partido e do Estado soviético? Esperam que o poder dos Sovietes não ousará tocar-lhes por causa dos seus serviços passados. Estes grandes senhores cheios de presunção pensam que são insubstituíveis e que podem violar impunemente as decisões dos organismos dirigentes. O que há a fazer com militantes desta espécie? Devem ser afastados sem hesitação dos seus cargos de direção, sem tomar em consideração os seus serviços passados. Devem sofrer baixa de escalão e estas decisões devem ser publicadas na imprensa. Isto deve ser feito a fim de abater o orgulho destes burocratas presunçosos, grandes senhores, e de os pôr no seu devido lugar. Isto deve ser feito a fim de fortalecer a disciplina do Partido e do Estado soviético no conjunto do nosso trabalho. E agora falemos do segundo tipo. Eu quero falar dos fala-baratos, poderia dizer fala-baratos honestos, dessas pessoas honestas, dedicadas ao poder soviético, mas que são incapazes de dirigir, incapazes de organizar o que quer que seja. No ano passado tive uma conversa com um desses camaradas, um camarada muito respeitável, mas um incorrigível fala-barato, capaz de afogar qualquer causa viva numa torrente de palavras. Eis essa conversa:

Eu - Então como vão vocês a respeito das sementeiras?

Ele - As sementeiras, camarada Stálin? Mobilizámos-nos.

Eu - E então?

Ele - Pusemos a questão de frente.

Eu - E depois?

Ele - Há uma mudança, camarada Stálin. Vai haver uma mudança próxima.

Eu - Sim, mas e então?

Ele - Destacam-se progressos entro nós.

Eu - Bom. Mas com tudo isso, como marcham as sementeiras?

Ele - De fato, até agora, camarada Stálin, não fizemos nenhum avanço com as sementeiras.

Aqui tendes a fisionomia do fala-barato. Mobilizaram-se eles próprios, puseram a questão de frente, há uma mudança e progressos, mas as coisas estão tal como estavam.

Foi exatamente assim que um operário ucraniano caracterizou recentemente o estado duma determinada organização. Interrogado sobre a linha dessa organização, ele respondeu: A. linha, palavra de honra..., a linha existe, evidentemente, mas não se vê é o trabalho. É evidente que esta organização tem também os seus fala-baratos honestos.

E quando tais fala-baratos são demitidos dos seus cargos e são afastados do trabalho prático, abrem os braços e dizem espantados: Porque fomos nós demitidos? Não fizemos tudo o que era necessário para conseguir que o trabalho fosse feito? Não reunimos a conferência dos trabalhadores de choque? Não proclamamos nesta conferência as palavras de ordem do Partido e do governo? Não elegemos todo o Bureau Político do Comité Central para a presidência de honra? Não enviamos saudações ao camarada Stálin? Que mais querem eles de nós?

O que se deve fazer destes incorrigíveis fala-baratos? Se os deixamos no trabalho prático eles são capazes de afogar qualquer causa viva numa torrente de intermináveis e confusos discursos, Sem dúvida nenhuma devem ser afastados de cargos de direção e deve-lhes ser dado outro trabalho que não seja operativo. Não há lugar para fala-baratos no trabalho operativo.

Já informei resumidamente como o Comité Central encarou a seleção dos homens nas administrações soviéticas e nas organizações econômicas e o que fez para reforçar o controle da execução. O camarada Kaganovitch tratará deste assunto com maior detalhe no terceiro ponto da ordem do dia deste Congresso.

Gostaria contudo de dizer algumas palavras acerca do trabalho futuro para reforçar o controle da execução.

A justa organização do controle da execução é duma importância decisiva na luta contra os métodos burocráticos e rotineiros. São as decisões dos organismos dirigentes levadas a cabo ou ficam esquecidas nas gavetas dos burocratas e amigos da papelada? São executadas corretamente ou são deformadas? O aparelho funciona honestamente, duma maneira bolchevique, ou roda em vazio? Tudo isto só poderá ser prontamente verificado se se mantiver um controle bem organizado da execução. Um controle bem organizado da execução é como um projetor que permite em qualquer momento iluminar o estado de funcionamento do aparelho, desmascarando os burocratas e amigos da papelada. Podemos dizer com segurança que nove décimas das nossas lacunas e insuficiências são devidas à má organização do controle da execução. É evidente que um tal controle da execução teria, seguramente, impedido as lacunas e insuficiências.

Mas para que o controle da execução realize o seu objectivo são necessárias, pelo menos, duas condições: primeiro, que este controle seja sistemático e não episódico: secundo, que em todos os escalões das organizações do Partido, administrações soviéticas e organizações econômicas, ele seja dirigido não por homens de segundo plano mas por pessoas que gozem duma autoridade suficiente, pelos dirigentes das próprias organizações...

As nossas tarefas quanto ao trabalho de organização são as seguintes:

1. Continuar a adaptar o nosso trabalho de organização às exigências da linha política do Partido.
2. Elevar a direcção em matéria de organização até ao nível da direcção política.
3. Fazer com que a direcção em matéria de organização assegure plenamente a aplicação das palavras de ordem políticas e das decisões

do Partido.

Os Quadros Decidem Tudo

Extracto da alocução de Stálin por ocasião da promoção dos alunos da Academia do Exército Vermelho, 1935

...A antiga palavra de ordem: A técnica decide tudo, que exprime um período já ultrapassado, um período no qual sofremos de uma carência de técnica, deve ser agora substituída por esta nova palavra de ordem: Os quadros decidem tudo. Isto é, hoje, o essencial.

Pode-se dizer que todos já compreendemos o grande alcance desta nova palavra de ordem e tomamos inteira consciência dela? Eu não diria que sim. Se fosse assim não veríamos esta atitude escandalosa a respeito dos homens, dos quadros, dos trabalhadores, atitude que muitas vezes observamos na prática. A palavra de ordem: Os quadros decidem tudo exige que os nossos dirigentes mostrem a maior solicitude pelos nossos trabalhadores, pequenos e grandes, seja qual for o campo em que trabalham, que os instruem com cuidado, que os ajudem quando tenham necessidade de apoio, que os encorajem nos primeiros sucessos, que os façam avançar, etc.. Ora a verdade é que observamos muitos exemplos de seco burocratismo, uma atitude francamente escandalosa em relação aos nossos colaboradores. Em lugar de aprenderem a conhecer primeiro os homens para depois lhes confiarem as tarefas, deslocam-nos muitas vezes como se fossem simples piões. Aprendemos a apreciar as máquinas e a fazer relatórios sobre a técnica das nossas oficinas e das nossas fábricas. Mas não sei de um único caso em que um relatório tivesse sido feito com igual zelo sobre o número de homens que treinamos durante um dado período, nem sobre a maneira como os ajudamos a desenvolverem-se e a temperarem-se no seu trabalho. Como se explica isto? Explica-se pelo fato de que ainda não aprendemos a apreciar os homens, os trabalhadores, os quadros.

Recordo um incidente ocorrido na Sibéria, onde numa dada altura vivi deportado. Era na primavera, na altura das cheias da primavera. Cerca de trinta homens tinham ido ao rio para agarrar troncos de árvore que tinham sido arrastados pela imensa cheia. Pela noitinha voltaram para a aldeia, mas faltava um. Quando lhes perguntei onde estava o que faltava,

responderam com indiferença que tinha ficado lá. O que querem dizer com esse ficado lá? Responderam-me com a mesma indiferença: Ora que pergunta! Afogado, evidentemente! E, logo a seguir, um deles começou a afastar-se dizendo: Tenho que ir dar de beber à minha égua. Quando os censurei por se incomodarem mais com os animais do que com os homens, um deles respondeu-me, por entre a aprovação dos restantes: Porque é que nos haveríamos de incomodar com os homens? Podemos sempre fazer homens. Mas uma égua... experimenta lá fazer uma.

Aqui tendes um caso, talvez pouco importante, mas muito característico. Parece-me que a indiferença de certos dos nossos dirigentes a respeito dos homens, dos quadros, e a sua incapacidade para os apreciar, são uma sobrevivência daquela estranha atitude do homem para com o seu semelhante, evidenciada no episódio da longínqua Sibéria que acabo de vos contar.

Assim portanto, camaradas, se quisermos vencer com êxito a carência de homens e dar ao nosso país quadros em número suficiente capazes de fazerem progredir a técnica e pô-la em ação, devemos antes de tudo saber apreciar os homens, apreciar os quadros, apreciar todos os trabalhadores capazes de contribuírem para a nossa causa comum. É preciso enfim compreender que de todos os capitais preciosos que existem no mundo o mais precioso e o mais decisivo, são os homens, os quadros. É preciso compreender que nas nossas condições atuais os quadros decidem, tudo. Se tivermos quadros bons e numerosos na indústria, na agricultura, nos transportes e no exército, o nosso país será invencível. Se não tivermos tais quadros coxearmos dos dois pés.

Para terminar, permiti-me beber à saúde e pelo êxito da nossa nova promoção da Academia do Exército Vermelho. Desejo-lhes os melhores êxitos no trabalho de organizarem e dirigirem a defesa do nosso país.

Camaradas, acabastes a escola superior onde recebestes a vossa primeira têmpera. Mas a escola é apenas um estádio preparatório. Os quadros recebem a sua verdadeira têmpera no trabalho vivo, fora da escola lutando contra as dificuldades, vencendo as dificuldades. Lembrem-se, camaradas, que os bons quadros são os que não receiam as dificuldades, que não fogem das dificuldades, mas que, pelo contrário, vão ao seu encontro a fim de as vencerem e eliminarem. É só na luta contra as dificuldades que os

verdadeiros quadros se forjam. E se o nosso exército possuir em número suficiente verdadeiros quadros, quadros aguerridos, será invencível.

A vossa saúde, camaradas!

Escolha, Promoção e Distribuição dos Quadros

Extracto do Informe de Stálin ao XVII Congresso do Partido Comunista da União Soviética, 1939

Uma linha política justa não é estabelecida para ser simplesmente proclamada mas para ser aplicada. Ora para levar à prática uma justa linha política é preciso quadros, é preciso homens que compreendam a linha política do Partido, que a aceitem como sua própria linha e que estejam preparados para a aplicar: que a saibam pôr em prática e que sejam capazes de responder por ela, defendendo-a e lutando por ela. Sem isto uma linha política justa corre o risco de ficar no papel.

E então levanta-se o problema da escolha judiciosa dos quadros, da sua formação, da promoção de homens novos, da justa distribuição dos quadros e da sua verificação segundo o trabalho realizado.

O que quer dizer escolher bem os quadros?

Escolher bem os quadros não é rodear-se de adjuntos, de suplentes, montar uma chancelaria e lançar daí toda a espécie de diretivas. Não é também abusar do poder, mudar, sem mais nem menos, dezenas e centenas de pessoas dum lado para o outro e vice-versa e proceder a intermináveis reorganizações.

Escolher bem os quadros significa:

Primeiro, considerar os quadros como a reserva de ouro do Partido e do Estado, olhando-os com muita atenção, estimando-os.

Segundo, conhecer os quadros, estudar minuciosamente as qualidades e os defeitos de cada um dos militantes, saber em que posto tal militante pode desenvolver melhor as suas capacidades.

Terceiro, formar com solicitude os quadros, ajudar cada militante em vias de progresso a elevar-se; não recer perder tempo com estes camaradas para acelerar o seu desenvolvimento.

Quarto, promover audaciosamente e na devida altura, novos, jovens quadros, não os deixar muito tempo no mesmo lugar, não os deixar enferrujar.

Quinto, distribuir os militantes pelos diferentes postos de maneira a que cada um se sinta no seu lugar; que cada um possa dar à nossa causa comum o máximo que as suas capacidades pessoais lhe permitem dar; de maneira a que a orientação geral do trabalho de distribuição dos quadros corresponda inteiramente às necessidades da linha política, cuja aplicação dita esta distribuição.

Agora, o que importa sobretudo, é promover audaciosamente e na devida altura, novos, jovens quadros. Penso que no espírito dos nossos militantes esta questão não está ainda suficientemente clara. Uns pensam que ao escolher os homens devemos principalmente confiar nos velhos quadros. Outros, pelo contrário, pensam que devemos principalmente confiar nos jovens quadros. Parece-me que uns e outros se enganam. Os velhos quadros representam evidentemente uma grande riqueza para o Partido e o Estado. Possuem o que falta aos quadros jovens; uma experiência considerável em matéria de direção, uma sólida formação marxista-leninista, o conhecimento do seu trabalho, a capacidade de orientação. Mas, em primeiro lugar, nunca há quadros velhos que sejam em número suficiente; e eles começam em parte a ficar fora da serviço devida às leis da natureza. Em segundo lugar, uma parte dos velhos quadros está por vezes inclinada a olhar obstinadamente para o passado, a agarrar-se ao passado, a agarrar-se às coisas velhas e a não compreender o que há de novo na vida. É perder o sentido do novo. Defeito muito grave e perigoso. No que respeita aos quadros jovens eles não têm certamente aquela experiência, aquela sólida formação, aquele conhecimento do trabalho e aquela capacidade de orientação que possuem os velhos quadros. Mas, em primeiro lugar, os quadros jovens constituem a imensa maioria; em segundo lugar, são jovens e não estão por isso sujeitos, por agora, a ficar fora de serviço; em terceiro lugar, está fortemente desenvolvido entre os jovens o sentido do novo, qualidade preciosa para qualquer militante bolchevique; em quarto lugar, os jovens desenvolvem-se e instruem-se tão rapidamente, sobem com tanta impetuosidade, que não vem longe o dia em que alcançam os velhos, em que tomam lugar a seu lado e se tornam dignos de os substituir. Por consequência a nossa tarefa não é confiar nos velhos quadros ou nos novos, mas sim saber combinar, unir os quadros velhos e novos numa só orquestra dirigindo o trabalho do Partido e do Estado.

Eis porque é necessário promover audaciosamente e na devida altura os jovens quadros aos postos de direção.

Durante o período decorrido uma das importantes realizações do Partido no que respeita ao reforço da sua direção, é a de ter sabido, na escolha dos quadros, unir e combinar com êxito, da base ao topo, os velhos e os jovens militantes.

O Comité Central do Partido dispõe de dados que mostram que, durante o período decorrido, o Partido soube promover aos postos de direção, nos organismos do Estado e do Partido, mais de 500.000 jovens bolcheviques, membros do Partido ou simpatizantes do Partido, dos quais mais de 20% são mulheres.

Qual é agora a nossa tarefa?

É centralizar a escolha dos quadros, da base ao topo, e elevar este trabalho ao nível desejado, ao nível científico, bolchevique.

Sobre o Trabalho Prático

*Extracto da intervenção final de Stálin da Assembleia Plenária
do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética,
Março de 1939*

Supomos que já todos agora compreenderam, todos têm consciência de que a preocupação excessiva com as campanhas e sucessos económicos, enquanto as questões políticas do Partido são subestimadas e esquecidas, conduz a um beco sem saída. É por isso necessário orientar a atenção dos militantes para os problemas políticos do Partido, a fim de que os sucessos económicos se combinem e acompanhem com os sucessos do trabalho político do Partido.

Como é que na prática deve ser realizada a tarefa de fortalecer o trabalho político do Partido, a tarefa de libertar as organizações do Partido das pequenas tarefas da economia? Os debates mostraram que alguns camaradas têm tendência para tirar a falsa conclusão de que nos devíamos agora afastar por completo do trabalho no campo da economia. Pelo menos fizeram-se ouvir vozes: Enfim, graças a Deus, ficaremos livres dos assuntos económicos, agora podemos dedicar ao trabalho político do Partido. Será justa esta conclusão? Não, não é. Quando os camaradas do Partido, absorvidos pela economia, abandonaram a política, caíram num extremo que nos custou grandes sacrifícios. Se agora alguns camaradas, com o objectivo de fortalecerem o trabalho político do Partido, pensam afastar-se dos problemas económicos, cairão num outro extremo, que não nos custará menores sacrifícios. Não pudemos passar dum extremo para o outro. Não se pode separar a política da economia. Não podemos abandonar a economia da mesma maneira que não podemos abandonar a política. Por conveniência de estudo costumam separar-se metodologicamente os problemas da economia dos problemas da política. Mas isto faz-se apenas metodologicamente, artificialmente, só para conveniência de estudo. Mas na vida, pelo contrário, a política e a economia são praticamente inseparáveis. Existem em conjunto e atuam em conjunto. E os que pensam em separar, no nosso trabalho político, a política da economia, em fortalecer o trabalho económico diminuindo a importância do trabalho

político, ou, inversamente, em fortalecer o trabalho político diminuindo a importância do trabalho econômico, achar-se-ão num beco sem saída.

* * *

O que significa escolher judiciosamente os militantes e distribuir-lhes judiciosamente as tarefas?

Isto significa escolher os militantes, em primeiro lugar de acordo com um critério político, isto é, conforme a confiança política neles depositada, e em segundo lugar de acordo com critério prático, isto é, se eles servem ou não para um determinado trabalho concreto.

Isto significa não transformar uma maneira séria de julgar num praticismo estreito, o que se dá quando há exclusivo interesse nas qualidades práticas dos militantes mas não há interesse na sua fisionomia política.

Isto significa não transformar a maneira política de julgar na única maneira de julgar, o que sucede quando nos interessamos pela fisionomia política dos militantes, mas não nos interessamos pelas suas qualidades práticas.

Podemos dizer que esta regra bolchevique é aplicada pelos nossos camaradas do Partido? Infelizmente não podemos dizer isto. Já se falou nesta questão nesta Assembleia Plenária. Mas nem tudo foi dito. O fato é que esta regra bem segura é constantemente violada na prática, e além disso da maneira mais grosseira. Muito frequentemente os militantes são escolhidos não de acordo com critérios objetivos, mas de acordo com critérios de acaso, subjetivos, estreitos e mesquinhos. Muitos frequentemente são escolhidos os conhecidos, amigos pessoais, conterrâneos, pessoas que mostraram devoção pessoal, mestres no elogio aos chefes, sem olhar às suas capacidades políticas e práticas.

Deste modo, em vez de um grupo de dirigentes responsáveis, obtém-se um grupo familiar, uma sociedade cujos membros procuram viver pacificamente, sem se prejudicarem, a lavar a roupa suja em família, a elogiarem-se uns aos outros, e a enviarem, de tempos a tempos, à direção central, relatórios vazios de sentido e repugnantes sobre os seus êxitos.

Não é difícil de compreender que em tal ambiente de família não pode haver lugar quer para uma crítica das deficiências do trabalho quer para uma auto-crítica dos dirigentes do trabalho...

* * *

O que significa controlar os militantes, controlar a execução das tarefas?

Controlar os militantes significa controlá-los não pelas suas promessas e declarações mas pelos resultados do seu trabalho.

Verificar a execução das tarefas significa verificá-las não apenas à secretária, segundo os relatórios oficiais, mas antes de tudo nos próprios locais de trabalho de acordo com os resultados efetivos da execução.

Necessitamos em geral de um tal controle? Sem dúvida que sim. Necessitamo-lo em primeiro lugar porque só um tal controle tornará possível conhecer um militante, determinar as suas reais qualidades. Necessitamo-lo em segundo lugar porque só um tal controle permite avaliar as qualidades e defeitos do aparelho de execução. Necessitamo-lo em terceiro lugar porque só um tal controle tornará possível determinar as qualidades e defeitos das próprias tarefas.

Alguns camaradas pensam que só de cima se podem avaliar as pessoas, quando os dirigentes controlam os dirigidos segundo os respeitados do seu trabalho. Isto não é verdade. O controle de cima é necessário, de certo, como uma das medidas efetivas para avaliar os homens e a execução das tarefas. Mas o controle de cima está longe de esgotar todo o trabalho de verificação. Há ainda outra espécie de controle, o controle de baixo para cima, pelo qual as massas, os dirigidos, examinam os dirigentes, apontando os seus erros e mostrando-lhes as formas de os corrigir. Esta espécie de verificação é um dos métodos mais eficientes para controlar os homens.

Os membros de base do Partido controlam os seus dirigentes nas reuniões, nas conferências e congressos, ouvindo os relatórios da sua atividade, criticando os seus defeitos e finalmente elegendo ou não este ou aquele camarada dirigente para os órgãos de direção. Cumprimento exato do centralismo democrático no Partido, como se exige nos estatutos do nosso Partido, constituição dos organismos do Partido inteiramente por via de eleição, direito de apresentar ou rejeitar candidatos, voto secreto, liberdade de crítica e de auto-crítica, todas estas medidas e outras semelhantes devem ser postas em prática, a fim de consequentemente facilitarem a verificação e o controle dos dirigentes do Partido pelos membros de base do Partido.

Às massas sem Partido controlam os seus dirigentes econômicos, sindicais e outros, nas reuniões, nas conferências de massas de toda a

espécie, onde ouvem os relatórios da atividade dos seus dirigentes, criticam os defeitos e indicam os meios de os corrigir.

Enfim, o povo controla os dirigentes do país, durante as eleições dos organismos do poder da União Soviética pelo sufrágio universal, igual, direto e secreto.

A tarefa consiste em juntar o controle de cima ao controle realizado de baixo.

* * *

O que significa instruir os quadros na base dos seus próprios erros?

Lênin ensinou-nos que uma das maneiras mais seguras de instruir e educar corretamente os quadros do Partido, de instruir e educar corretamente a classe operária e as massas trabalhadoras é descobrir conscienciosamente os erros do Partido, estudar as causas que deram origem a esses erros e indicar as medidas necessárias; para corrigir esses erros. Lênin disse:

"A atitude do Partido político em face dos seus erros é um dos critérios mais importantes e mais seguros para julgar se esse Partido é sério e se cumpre realmente os seus deveres em relação à sua classe e em relação às massas trabalhadoras. Reconhecer francamente os seus erros, descobrir-lhes as causas, analisar as circunstâncias que os originaram, examinar atentamente os meios de corrigir esses erros, eis a marca de um Partido sério, eis aquilo que se chama, para um Partido, cumprir os seus deveres, instruir e educar a sua classe e em seguida as massas."

Isto significa que os bolcheviques têm por dever não tentar diminuir a extensão dos seus erros, não iludir a sua discussão como frequentemente sucede connosco, mas pelo contrário reconhecer aberta e honestamente os seus erros, indicar aberta e honestamente a maneira de os corrigir e aberta e honestamente corrigi-los.

Eu não direi que todos os nossos camaradas se lancem nesta via com satisfação. Mas os bolcheviques, se realmente querem ser bolcheviques, devem encontrar em si próprios a coragem de reconhecer abertamente os seus erros, descobrir-lhes as causas, indicar os meios de os corrigir e ajudar assim o Partido a dar aos quadros uma verdadeira educação e uma verdadeira instrução políticas. Porque é apenas por este processo, apenas

num ambiente de auto-crítica aberta e honesta que os quadros bolcheviques podem ser educados, que verdadeiros dirigentes bolcheviques podem ser educados...

Alguns camaradas dizem que não é aconselhável falar abertamente dos nossos erros, dado que o reconhecimento aberto dos nossos erros pode ser interpretado pelos nossos inimigos e explorado por eles como um sinal de fraqueza. Isto são imbecilidades, camaradas, imbecilidades e nada mais... Pelo contrário, o reconhecimento aberto dos nossos erros e a sua retificação honesta apenas podem fortalecer o nosso Partido, elevar a sua autoridade aos olhos dos operários, camponeses e trabalhadores intelectuais e aumentar a força e o poder do nosso Estado. E isto é o essencial. Desde que estejam conosco os operários, os camponeses e os trabalhadores intelectuais, tudo o resto se resolverá por si mesmo.

Outros camaradas dizem que o reconhecimento aberto dos nossos erros pode conduzir não à formação e melhoramento dos quadros, mas ao seu enfraquecimento e desorganização, que devemos poupar os nossos quadros, que devemos acautelar o seu amor próprio e a sua tranquilidade. Com este fim propõem que se passe ao de leve por cima dos erros dos nossos camaradas, que se atenuem o vigor da crítica e, ainda melhor, que se ignorem estes erros. Tal orientação é não só fundamentalmente errada mas ainda perigosa ao mais alto grau, perigosa acima de tudo para os quadros que eles querem poupar e acautelar. Poupar e conservar os quadros escondendo os seus erros é arruinar de certeza esses mesmos quadros.

* * *

Lênin ensinou-nos não só a ensinar as massas mas também a aprender com as massas.

O que significa isto?

Isto significa, em primeiro lugar, que nós, dirigentes, não nos devemos tornar presunçosos e devemos compreender que se somos membros do Comité Central ou Comissários do Povo, isto não quer dizer que possuamos todos os conhecimentos necessários para um trabalho de direção correto. Uma posição oficial, por si própria, não dá conhecimentos e experiência.

Isto significa em segundo lugar, que a nossa experiência sozinha, a experiência dos dirigentes, não chega para um trabalho de direção correto e que, por consequência, é necessário que a experiência individual, a

experiência dos dirigentes, seja completada pela experiência das massas, pela experiência dos membros de base do Partido, pela experiência da classe operária, pela experiência do povo.

Isto significa, em terceiro lugar, que não devemos, nem por um instante, enfraquecer, e menos ainda romper, a nossa ligação com as massas.

Isto significa, em quarto lugar, que devemos prestar cuidadosa atenção à voz das massas, à voz dos membros de base do Partido, à voz das chamadas pessoas simples, à voz do povo.

* * *

Não significa de maneira nenhuma sentarmo-nos num escritório e alinharmos diretivas.

Dirigir corretamente significa:

Em primeira lugar encontrar a justa solução do problema. Mas não podemos achar uma justa solução sem tomarmos em consideração a experiência das massas que verificam os resultados da nossa direção à sua própria custa.

Em segundo lugar organizar a aplicação da justa solução, o que não pode ser feito sem a ajuda direta das massas.

Em terceiro lugar organizar o controle da execução desta solução, o que de novo não pode ser feito sem a ajuda direta das massas.

Nós, dirigentes, vemos as coisas, acontecimentos e pessoas apenas de um lado, eu diria de cima; o nosso campo de visão é por consequência mais ou menos limitado. As massas, pelo contrário, vêm as coisas, acontecimentos e pessoas dum outro lado, eu diria de baixo; o seu campo de visão é, por consequência, também limitado, em certo grau. Para que o problema tenha uma solução justa, devemos juntar estas duas experiências. Só neste caso a direção será correta.

Isto é o que significa não só ensinar as massas, mas também aprender com elas.

Assim se conclui que a nossa experiência, a experiência dos dirigentes, sozinha, está longe de ser suficiente para nos guiar nos nossos problemas. A fim de que nos guie corretamente, a experiência dos dirigentes deve ser completada pela experiência das massas partidárias, pela experiência da classe operária, pela experiência dos trabalhadores, pela experiência das chamadas pessoas simples.

Mas como é isto possível?

Isto só é possível se os dirigentes estão estreitamente em contacto com as massas, se estão ligados à massa dos membros do Partido, à classe operária, ao campesinato, aos trabalhadores intelectuais.

A ligação com as massas, o reforço dessa ligação, a vontade de ouvir a voz das massas, eis o que faz a força e a invencibilidade da direção bolchevique.

Pode-se estabelecer como regra geral que, enquanto os bolcheviques mantiverem a sua ligação com as grandes massas do povo serão invencíveis. E, pelo contrário, será suficiente que os bolcheviques se separem das massas e quebrem a sua ligação com elas para se cobrirem da ferrugem burocrática, para perderem toda a força e se reduzirem a nada.

Os gregos da antiguidade tinham na sua mitologia um herói famoso, Anteu, que era, segundo a lenda, filho de Poseidon, deus dos mares, e de Gea, deusa da terra. Anteu queria muito a sua mãe, que o tinha dado à luz, que o tinha criado e educado. Não havia nenhum herói que Anteu não tivesse vencido. Era considerado um herói invencível. Onde residia a sua força? Residia no fato de que sempre que se encontrava em dificuldades numa luta com um adversário, tocava a terra, sua mãe, que o tinha dado à luz e criado, e ganhava novas forças. Mas tinha um ponto fraco: o perigo de ser de qualquer modo separado da terra. Os seus inimigos, conheciam esta fraqueza e espreitavam-na. E houve um inimigo que, aproveitando essa fraqueza, venceu Anteu. Foi Hércules. Como conseguiu vendê-lo? Agarrou-o levantou-o ao ar e impedindo-o de tomar contacto com a terra, estrangulou-o.

Penso que os bolcheviques lembram Anteu, o herói da mitologia grega. Do mesmo modo que Anteu são fortes porque mantêm contacto com sua mãe, as massas, que os deram à luz, os criaram e educaram. E enquanto mantiverem o contacto com sua mãe, com o povo, têm todas as possibilidades de serem invencíveis. Eis o segredo da invencibilidade da direção bolchevique.

* * *

Enfim, ainda uma questão. Quero falar da atitude formalista e francamente burocrática de alguns dos nossos comunistas perante o destino dos camaradas, perante as exclusões do Partido ou a reintegração dos excluídos nos seus direitos de membros do Partido.

A verdade é que alguns membros do nosso Partido pecam por uma grande falta de atenção pelos homens, pelos membros do Partido, pelos militantes. Mais ainda: não procuram conhecer os membros do Partido, não sabem como vivem nem como trabalham; duma maneira geral não conhecem os militantes. Por isso na sua maneira de abordar os membros do Partido, os militantes do Partido, não têm em conta o fator individual. E justamente porque, ao julgar os membros do Partido, não têm em conta o fator individual, agem à sorte: ou os elogiam em bloco e exageradamente ou os excluem do Partido por milhares e por dezenas de milhar, ou os censuram em bloco e também com exagero.

Esta atitude de seca indiferença em relação às pessoas, em relação aos membros e militantes do Partido cria artificialmente o descontentamento e a irritação de certos contingentes do Partido; e os traidores fascistas aproveitam-se habilmente destes camaradas irritados e arrastam-nos sabiamente para o lamaçal da sabotagem trotskista.

Sobre Treino Partidário e Democracia Interna do Partido

Extractos do Informe de Kaganovitch sobre problemas de organização ao XVII Congresso do Partido Comunista da União Soviética, 1934

Quando as pessoas estão sobrecarregadas com trabalho de escritório e com escrever resoluções gerais, não dão a devida atenção a trivialidades não dão a devida atenção aos seres humanos. Não conseguem ver um novo chefe de equipa, um novo engenheiro, um novo técnico, não conseguem ver novos heróis do trabalho nem conseguem ver os Jovens Comunistas, que se estão desenvolvendo, que podiam ser promovidos a um novo trabalho.

Há quem diga que temos falta de homens, mas isso não é verdade. Nós temos os homens, homens capazes, mas devemos saber promove-los, coloca-los no lugar que merecem. Devemos ser capazes de os dirigir corretamente. O homem a quem se confia uma tarefa deve ser treinado, deve-se fazê-lo subir com a continuação do seu trabalho; devemos tomar cuidado em que ele não se torne desvirilizado e poeirento. De tempos a tempos devemos pegar num trapo e limpar a poeira que se tenha acumulado sobre ele...

A organização da correta admissão dos membros do Partido é apenas metade da questão. Devemos providenciar para que um novo membro do Partido, quando está já nas nossas fileiras, se arme ideologicamente de maneira adequada, se desenvolva, sinta todo o auxílio no decorrer de toda a sua atividade, seja ativamente trazido para o trabalho do Partido, e se fortaleça politicamente.

Quando falamos de treino marxista-leninista, não queremos dizer apenas treino escolar, queremos dizer apetrechamento ideológico dos bolcheviques. O membro do Partido deve ser treinado na escola do Partido, mas deve principalmente treinar-se no trabalho político prático. Isto significa que devemos elevar a um nível superior o treino marxista-leninista dos membros do Partido e melhorar o trabalho da nossa organização de Partido...

Lênin sempre ligou os problemas teóricos à prática diária. Stálin dá-nos exemplos da maneira de combinarmos os mais complicados problemas teóricos com a luta de todos os dias. E apesar disso muitos dos nossos professores vermelhos põe a teoria num compartimento e a prática noutra, e são completamente incapazes de combinarem estes dois compartimentos. Infelizmente, em lugar de combinarem a teoria com a prática, escrevem, como o filósofo da fábula, tratados muito profundos sobre A natureza duma corda e, como Marx e Engels nada tinham dito sobre este assunto, pensam que estão dando uma contribuição maravilhosa para o tesouro do marxismo.

Um certo número das nossas escolas de Partido soviéticas sofrem principalmente do fato da educação estar precisamente organizada em moldes escolares. Um bolchevique não é um aluno de escola, mas sim está a ser treinado politicamente e a sua aprendizagem escolar devia ser combinada com a luta política e prática de cada dia. Ele deve ser apetrechado ideologicamente quer na escola quer nas reuniões do Partido. Daí, como já sem dúvida observaram, o projeto de regulamento não falar somente de treino, mas também de apetrechamento ideológico dos comunistas. Todos os membros do Partido se devem armar com os princípios do marxismo-leninismo.

Se nós exigimos isto de cada membro do Partido quanto mais não devemos exigir dos dirigentes do Partido? Não deve haver nenhuma divisão rígida entre técnicos propagandistas e técnicos organizadores. A especialização é uma coisa muito boa, nós somos a favor dela, mas não devemos levá-la até ao extremo. E uma excessiva especialização é particularmente inadaptável ao trabalho do Partido. Muitíssimas vezes um organizador não consegue levar a cabo propaganda e agitação não só porque não tem tempo para isso, mas sejamos francos, também porque não é capaz de o fazer. Sabemos que um diretor duma fábrica deve dominar vastos conhecimentos. Razão demais, pois para exigirmos de cada secretário de comité do Partido e de cada organizador do Partido, que adquiram a capacidade de usar a bússola do marxismo-leninismo. Um dirigente do Partido deve não só ser um organizador e um administrador no melhor sentido do termo, mas também um propagandista e um educador de membros do Partido.

Sabemos que o nível das nossas reuniões de Partido subiu. Os membros do Partido aprendem e deviam aprender tanto, se não mais, nas reuniões do Partido como na escola do Partido. Todos compreendem isto.

Democracia interna do Partido e auto-crítica têm sido e são a mais importante base de todo o nosso trabalho de Partido e da educação dos membros do Partido. A democracia interna do Partido elevou-se a um novo nível. A democracia interna do Partido é agora compreendida de uma nova maneira. Quando agora assistimos a reuniões de comunistas verificamos que elas não se podem comparar com o que eram há um par de anos...

Não podemos contudo negar que podíamos ter feito muito mais se tivéssemos conseguido combinar o trabalho dos organizadores e propagandistas, isto teria elevado a um novo estágio o apetrechamento ideológico marxista-leninista dos comunistas. Casos há em que as reuniões de Partido são realizadas de uma maneira rotineira, sem preparação séria. As pessoas são reunidas e é-lhes dito: camaradas, temos tarefas, devemos cumpri-las, etc. Ou discute-se uma dada campanha ou um aniversário. Em tais casos, sem dúvida tudo o que há é um mero rufar de tambores ou então mera análise rotineira dos assuntos e, naturalmente, tais reuniões não ajudam a educar os membros de Partido. E contudo cada reunião do Partido devia ajudar a elevar o nível ideológico dos comunistas. A discussão das questões internas do Partido, das questões referentes ao lado político e ao lado prático da edificação do socialismo, elevam a compreensão dos membros do Partido ao nível da compreensão do papel de vanguarda dos bolcheviques, como os organizadores das massas. O membro do Partido desenvolve-se, educa-se e endurece-se nas condições de democracia interna do Partido, no meio da discussão livre e objectiva de todas as questões de política partidária. Ao mesmo tempo endurece-se e educa-se na luta contra todos os que se afastam dos problemas fundamentais de política partidária, os que querem tirar vantagem da discussão destes problemas a fim de sabotar esta política, a fim de minar a direção do Partido e a fim de abalar as suas fileiras de aço. A experiência da nossa vida interna de Partido mostra-nos que as fileiras do nosso Partido se desenvolveram, se tornaram mais fortes e se endureceram na luta contra todos aqueles que se afastam da política do Partido, do Leninismo, na luta pela unidade e reforço das fileiras do nosso Partido.

Eis a razão porque devemos continuar a elevar o nível e a endurecer estes membros do Partido na luta contra as mais ligeiras manifestações de oportunismo nas nossas fileiras.

O desenvolvimento do membro do Partido depende da maneira como o trabalho interno do Partido está organizado, depende da soma da atenção prestada ao membro do Partido e da maneira como ele é dirigido.

Sobre os Quadros

Intervenção de Dimítrov em resposta à discussão no VII Congresso Mundial da Internacional Comunista, 1935

Camaradas, as nossas melhores resoluções não serão mais que pedaços de papel se não houver os homens que as saibam levar à prática. Ora, infelizmente, é forçoso constatar que uma das questões essenciais, a questão dos quadros, não recebeu quase nenhuma atenção durante o Congresso. O relatório sobre a atividade do Comité Executivo da Internacional Comunista foi discutido durante sete dias. Vários oradores, de diferentes países, tomaram a palavra mas só alguns, e de passagem, tocaram nesta questão extremamente importante para os Partidos Comunistas, e o movimento operário. No seu trabalho prático os nossos Partidos ainda estão longe de compreender que os homens, os quadros decidem tudo. São incapazes de fazer o que o camarada Stálin nos ensina, isto é, cuidar dos quadros como um jardineiro cuida da árvore de fruto preferida, apreciar os homens, apreciar os quadros, apreciar todos, os trabalhadores capazes de contribuir para a nossa causa comum.

A atitude de desdém a respeito do problema dos quadros, tanto mais inadmissível porquanto na luta estamos perdendo constantemente alguns dos nossos mais valiosos quadros. Não somos uma sociedade científica mas um movimento combativo que se encontra constantemente na linha de fogo. Os nossos elementos mais enérgicos, mais corajosos e mais conscientes estão nas fileiras da vanguarda.

É precisamente a estes elementos, a estes combatentes progressistas que o inimigo dá caça, assassina-os, atira-os para as prisões, para os campos de concentração, sujeita-os aos piores suplícios, sobretudo nos países fascistas. Isto cria a necessidade urgente de renovar constantemente as fileiras, desenvolvendo e treinando novos quadros bem como de defender cuidadosamente os quadros existentes.

O problema dos quadros adquire ainda uma acuidade particular porque é sob a nossa influência que se desenvolve o movimento massivo da frente única, que produz milhares e milhares de novos militantes operários. Além disso, não são apenas jovens elementos revolucionários, não são apenas

trabalhadores que recentemente se tornaram revolucionários, sem nunca terem participado num movimento político, que afluem às nossas fileiras. Muito frequentemente também se vêm juntar a nós antigos aderentes e militantes dos Partidos social-democratas. Estes, novos quadros exigem uma atenção especial, sobretudo nos Partidos Comunistas ilegais, pela razão de que, no seu trabalho prático, estes quadros, fracamente preparados sob o ponto de vista teórico, defrontam frequentemente sérios problemas políticos, que têm de resolver por si próprios.

A questão da justa política em relação aos quadros é uma questão muito séria para os nossos Partidos, bem como para as Juventudes Comunistas e para todas as outras organizações de massas - para todo o movimento operário revolucionário.

Em que consiste uma justa política em relação aos quadros?

1º — É necessário conhecer os homens. Em regra geral, não se procede nos nossos Partidos ao estudo sistemático dos quadros. Só nos últimos tempos os Partidos Comunistas da França e da Polónia e, no oriente, o Partido Comunista da China, conseguiram alguns êxitos nesse sentido. Antes de estar na ilegalidade o Partido Comunista da Alemanha abordou o estudo dos seus quadros. E a experiência destes Partidos mostrou-nos que, quando se começaram a estudar os homens, se descobriram militantes que antes tinham passado despercebidos. Por outro lado os Partidos começaram-se a libertar de elementos estranhos que eram, ideológica e politicamente, prejudiciais. Basta lembrar o exemplo de Célor e Barbé era França, os quais, quando observados com o microscópio bolchevique se revelaram agentes do inimigo de classe e foram expulsos do Partido. Na Polónia e na Hungria, a verificação dos quadros facilitou a descoberta de ninhos de provocadores, agentes do inimigo cuidadosamente mascarados.

2º — É necessário promover judiciosamente os quadros. A promoção de quadros não deve ser uma coisa accidental mas sim uma das funções normais do Partido.

E mau quando a promoção é feita exclusivamente por razões internas do Partido sem ter em conta se o camarada designado para um cargo está ligado às massas. A promoção deve fazer-se tendo em conta a aptidão do militante para cumprir tal ou tal função, dentro do Partido e a sua popularidade entre as massas.

Temos nos nossos Partidos exemplos de promoções que deram excelentes resultados. No Presidium do nosso Congresso, por exemplo, figura a comunista espanhola Dolores. Há dois anos ela fazia ainda trabalho de base. Desde os seus primeiros conflitos com o inimigo de classe, ela revelou-se excelente agitador e lutador. Eleita em seguida para a direção do Partido, mostrou-se um dos membros mais dignos desta escolha.

Poderia citar numerosos casos análogos em outros países. Contudo na maioria dos casos a promoção faz-se de maneira inorganizada e acidental e, por consequência nem sempre judiciosa. Por vezes são confiados postos de direção a palradores e fraseadores que prejudicam diretamente a causa.

3° — É necessário utilizar judiciosamente os quadros. É preciso saber avaliar e utilizar convenientemente as qualidades preciosas de cada militante. Não há homens perfeitos: é preciso aceitá-los tais como são e corrigir as suas fraquezas e defeitos. Conhecemos dentro dos nossos Partidos exemplos flagrantes da errada utilização de bons e honestos comunistas que poderiam ser de uma grande utilidade se estivessem encarregados dum trabalho que melhor lhes conviesse.

4° — É necessário distribuir judiciosamente os quadros. É preciso, antes de tudo, que nos escalões essenciais do movimento sejam colocados homens firmes, ligados às massas, saídos do seu seio, cheios de iniciativa e seguros. É preciso que nos grandes centros haja um número suficiente de tais militantes. Nos países capitalistas a deslocação dos quadros dum lado para o outro não é coisa fácil. Uma tal tarefa defronta um certo número de obstáculos e dificuldades, como questões de ordem material, problemas familiares, etc., dificuldades que devem ser tomadas em conta e resolvidas corretamente. Mas habitualmente descuidamo-nos inteiramente de fazer isto.

5° — É necessário dar uma ajuda sistemática aos quadros. Esta ajuda deve consistir em instruções minuciosas, controle fraternal, retificação das deficiências e erros, orientação concreta e diária.

6° — É necessário velar pela conservação dos quadros. É preciso saber retirar para a retaguarda, rapidamente, os militantes do Partido, sempre que as circunstâncias o exigem, e substituí-los por outros. Sobretudo em relação aos Partidos ilegais devemos exigir das suas direções a maior responsabilidade no que respeita à conservação dos

quadros. A conservação judiciosa dos quadros supõe também a organização conspirativa mais séria dentro do Partido. Em alguns dos nossos Partidos, são numerosos os camaradas que pensam que os Partidos estão preparados para a ilegalidade pelo fato de se terem reagrupado segundo um esquema puramente formal. Tivemos de pagar caro o fato de não se ter começado o reagrupamento efetivo senão depois da passagem à ilegalidade, sob os golpes diretos e duros do inimigo. Lembrai-vos o preço que nos custou a passagem à ilegalidade do Partido Comunista da Alemanha. Este exemplo deve ser um sério aviso para aqueles dos nossos Partido que hoje são legais mas que amanhã podem perder a sua legalidade.

Só uma justa política em relação aos quadros permitirá aos nossos Partidos desenvolver e utilizar ao máximo as forças dos quadros existentes e tirar do imenso reservatório do movimento de massas os melhores elementos ativos que constantemente surgem.

Que critério essencial deve inspirar-nos na escolha dos quadros?

1° — A dedicação mais profunda à causa da classe operária, a fidelidade ao Partido, comprovada nas lutas, na prisão, perante o tribunal, face a face com o inimigo de classe.

2° — A ligação mais estreita com as massas. Os camaradas devem estar totalmente absorvidos pelos interesses das massas, sentir pulsar a vida das massas, conhecer o seu estado de espírito e as suas aspirações. A autoridade dos dirigentes das organizações do Partido deve ser antes de tudo, fundada sobre o fato de que as massas vêm neles os seus chefes e estão convencidas, pela sua própria experiência, da sua capacidade como dirigentes, da sua determinação e do seu espírito de sacrifício na luta.

3° — A capacidade de as orientar por si próprio em todas as situações e não temer tomar a responsabilidade das suas resoluções. Quem receia assumir responsabilidades não é um dirigente. Quem é incapaz de ter iniciativa, quem diz Não farei senão aquilo que me disserem não é um bolchevique. Só é um verdadeiro dirigente bolchevique quem não perde a cabeça nos momentos de derrota, quem não deixa que os êxitos lhes subam à cabeça, quem mostra firmeza inquebrantável no cumprimento das resoluções. Os quadros

desenvolvem-se e formam-se melhor quando colocados perante a necessidade de resolver por si próprios os problemas concretos da luta e quando sentem pesar sobre eles a responsabilidade das suas decisões.

4º — O espírito de disciplina e a têmpera bolchevique tanto na luta contra o inimigo de classe como na intransigência acerca de todos os desvios da linha bolchevique.

Devemos insistir na necessidade destas condições na escolha judiciosa dos quadros, porque na prática dá-se muitas vezes preferência a um camarada que, por exemplo, escreve bem e fala bem mas que não é um homem ou mulher da ação e que não é tão capaz para a luta como um outro camarada que talvez não escreva e fale tão bem mas que é um camarada firme, com iniciativa, ligado às massas, capaz de se lançar na luta e de conduzir os outros na luta. Já tem havido demasiados casos de sectários, doutrinadores, palradores, terem tomado o lugar de dedicados dirigentes de massas, verdadeiros dirigentes revolucionários da classe operária.

Os nossos quadros dirigentes devem aliar o conhecimento do que devem fazer com a firmeza bolchevique, a força de carácter revolucionária e a força de vontade necessária para levar as tarefas à prática.

Camaradas, como se sabe, a melhor educação dos quadros obtém-se no decurso da luta, nos esforços feitos para vencer dificuldades e suportar provas, tanto nos exemplos positivos como negativos.

Temos centenas de exemplos de esplêndido comportamento no decorrer de greves e manifestações, na prisão, perante o tribunal. Temos milhares de exemplos de heroísmo mas, infelizmente, também registamos muitos casos de cobardia, de falta de firmeza, e mesmo de deserção. Frequentemente esquecemo-nos destes exemplos, quer dos bons quer dos maus. Não tiramos proveito deles para fins educativos, não mostramos o que é preciso imitar e o que é preciso rejeitar.

Devemos estudar a conduta dos camaradas e dos operários ativos durante os conflitos de classe, quando dos interrogatórios da polícia, nas prisões e campos de concentração, perante os tribunais, etc, Os bons exemplos devem ser destacados e apresentados como modelos para serem seguidos e tudo o que é podre, não bolchevique, pequeno burguês, deve ser posto de lado.

Desde o julgamento de Leipzig temos tido um grande número de camaradas cujos depoimentos ante tribunais burgueses e fascistas têm mostrado que numerosos quadros se desenvolveram com uma excelente compreensão daquilo que realmente constitui uma conduta bolchevique no tribunal.

Mas quantos, mesmo de entre nós, delegados ao Congresso, conhecem os detalhes do julgamento dos ferroviários da Romênia, sabem do julgamento de Fiete Schulz, que foi depois decapitado pelos fascistas na Alemanha, do julgamento do nosso valente camarada japonês Itikawa, do julgamento dos soldados revolucionários búlgaros e de muitos outros julgamentos em que foram dados exemplos admiráveis de heroísmos proletário?

Estes dignos exemplos de heroísmo proletário devem ser popularizados, devem-se pôr em contraste com a cobardia, o espírito pequeno-burguês, a podridão e fraqueza de toda a espécie que se manifestam nas nossas fileiras e nas da classe operária. Estes exemplos devem ser apontados mais largamente para educação dos quadros do movimento operário.

Camaradas: Os dirigentes dos nossos Partidos queixam-se muitas vezes de que não há gente; de que têm falta de gente para o trabalho de agitação e propaganda, para os jornais, para os sindicatos, para o trabalho entre os jovens e entre as mulheres. Não há gente, não há gente, tal é o grito. Nós é que não conseguimos arranjar as pessoas. A isto podíamos responder com estas velhas mas eternamente jovens palavras de Lênin:

"Não há homens — e há homens em massa. Há homens em massa porque cada ano que passa se destaca das fileiras da classe operária e das mais diversas camadas da sociedade, um número crescente de descontentes que querem protestar, que estão prontos a dar todo o auxílio que puderem à luta contra o absolutismo cujo domínio insuportável não é ainda claro para todos mas que é no entanto cada vez mais agudamente sentido por massas crescentes de pessoas. Ao mesmo tempo não há homens porque não temos dirigentes, dirigentes políticos, não temos organizadores com talento para organizarem um trabalho amplo, coordenado e harmonioso, que permita a aplicação de todas as forças; mesmo as mais insignificantes."

Estas palavras de Lênin devem ser integralmente compreendidas pelos nossos Partidos e servir de guia para o seu trabalho diário. Não há falta de homens. O que é preciso é descobri-los nas nossas próprias organizações, durante as greves e manifestações, nas várias organizações de massas, nas organizações da frente única. Devemos ajudá-los a desenvolverem-se no decorrer do trabalho e da luta, devem ser postos numa situação em que possam realmente ser úteis à causa operária.

Camaradas, nós, comunistas, somos homens de ação. É nosso o problema da luta prática contra a ofensiva do capital, contra o fascismo e a ameaça de guerra imperialista, a luta pelo derrubamento do capitalismo. É precisamente esta tarefa prática que exige dos quadros comunistas o armarem-se com a teoria revolucionária. Porque, como Stálin, esse grande mestre da ação revolucionária, nos ensinou, a teoria dá aos que estão empenhados num trabalho prático a capacidade de orientação, a clareza de visão, a segurança no trabalho, a fé na vitória da nossa causa.

Mas a verdadeira teoria revolucionária é o inimigo intransigente da loucura vã de teorizar, de todo o jogo estéril com definições abstratas. Lênin costumava dizer: "A nossa teoria não é um dogma, é um guia para a ação". É esta a teoria de que os nossos quadros precisam e precisam tanto dela como do pão de cada dia, do ar ou da água.

Quem quiser, na realidade, libertar o nosso trabalho de esquemas rígidos que matam, da escolástica perniciosa, deve queimá-los com um ferro em brasa, quer por meio da luta prática, ativa, travada juntamente com as massas e à cabeça das massas, quer por um trabalho incansável para assimilar a vigorosa, fecunda e toda poderosa doutrina de Marx, Engels, Lênin e Stálin.

A este propósito, considero especialmente necessário chamar a vossa atenção para o trabalho das nossas escolas do partido. Não são pedantes, palradores ou mestres de citações que as nossas escolas devem formar. Não! São combatentes práticos da vanguarda da causa da classe operária que devem sair dessas escolas. Combatentes de vanguarda, não somente pela sua coragem prontidão para se sacrificarem, mas também porque vêm mais longe que os militantes de base e sabem melhor do que eles o caminho que conduz à emancipação dos trabalhadores. Todas as secções da Internacional Comunista devem, sem mais demoras, dedicarem-se

seriamente à organização das escolas do Partido onde possam ser forjados estes quadros combatentes.

Parece-me que a tarefa principal das nossas escolas do Partido consiste em ensinar os membros do Partido e das Juventudes Comunistas a aplicar o método marxista-leninista à situação concreta de cada país, a condições definidas, não para a luta contra um inimigo em geral mas contra um inimigo determinado, definido. Isto torna necessário um estudo não meramente dos escritos do leninismo mas do seu espírito vivo, revolucionário.

Há duas maneiras de preparar os quadros nas escolas do Partido:

1º — Preparar as pessoas duma maneira teórica, abstrata, tentar dar-lhes a maior dose possível de conhecimentos áridos, ensiná-las a escrever teses e resoluções duma forma literária, e só acidentalmente tocar nos problemas do país em questão, do seu movimento operário, a sua história e tradições, e da experiência do Partido Comunista em questão. Só acidentalmente!

2º — Uma preparação teórica onde a assimilação dos princípios fundamentais do marxismo-leninismo é baseada sobre o estudo prático, pelo estudante, dos problemas principais da luta do proletariado no seu próprio país. Voltando ao seu trabalho prático, o estudante será então capaz de se orientar por si e de se tornar um organizador prático independente e um dirigente capaz de levar as massas à luta contra os inimigos de classe.

Nem todos os que saíram das nossas escolas do Partido deram provas de capacidade. Há uma grande quantidade de frases, abstrações, conhecimentos livresco e exibição de sabedoria. Mas nós precisamos de verdadeiros, reais organizadores bolchevique e dirigentes de massas. E necessitamos fortemente deles, hoje mesmo. Não importa se tais estudantes não tão capazes de escrever boas teses (embora também precisemos muitíssimo disso) mas o que eles devem saber é como organizar e dirigir, tem recuar diante das dificuldades, capazes de as vencer.

A teoria revolucionária é a experiência totalizada, generalizada, do movimento revolucionário. Os comunistas devem utilizar cuidadosamente nos seus países não só a experiência do passado mas também a da luta atual de outros destacamentos do movimento operário internacional. Porém o

utilização correta dessa experiência não quer dizer de forma nenhuma transposição mecânica de formas e métodos de luta de um conjunto de condições para outro, de um país para outro, como tantas vezes acontece nos nossos Partidos.

A pura imitação, a simples cópia de métodos e formas de trabalho, mesmo do Partido Comunista da União Soviética, em países onde domina ainda o capitalismo, pode, apesar de todas as boas intenções, ser não útil mas prejudicial, como se tem visto frequente mente na realidade. É precisamente a partir da experiência dos bolcheviques russos que devemos aprender a aplicar, de maneira viva e concreta, às particularidades de, cada país, a linha internacional única na luta contra o capitalismo; que devemos aprender a afastar sem piedade, a estigmatizar, a ridicularizar perante as massas toda a atividade dos fraseadores, o uso das fórmulas feitas, o pedantismo e o doutrinário.

É necessário aprender, camaradas, aprender sempre, a cada passo, no decorrer da luta, em liberdade e na prisão. Aprender e lutar, lutar e aprender. É preciso saber ligar a grande doutrina de Marx, Engels, Lênin e Stálin com a firmeza stalinista no trabalho e na luta, Com a intransigência stalinista nas questões de princípio em relação ao inimigo de classe de e aos desvios da linha bolchevique, com a audácia stalinista em face das dificuldades, com o realismo revolucionário stalinista.

Table of Contents

[Sobre Problemas de Direção em Matéria de Organização](#)
[Os Quadros Decidem Tudo](#)
[Escolha, Promoção e Distribuição dos Quadros](#)
[Sobre o Trabalho Prático](#)
[Sobre Treino Partidário e Democracia Interna do Partido](#)
[Sobre os Quadros](#)